

**O LIVRO E SUA PERSPECTIVA CULTURAL DURANTE O MEDIEVO:
UMA APROXIMAÇÃO**

**THE BOOK AND HIS CULTURAL PERSPECTIVE DURING THE MIDDLE
AGES: AN APPROACH**

Luciano José Vianna*
Universidade Federal de Sergipe

Resumo: Neste artigo, desejamos aproximar-nos a uma possível cultura do livro durante o medievo. Para realizar tal tarefa, analisamos alguns documentos de chancelaria relativos aos primeiros objetos da tradição textual do *Livro dos Feitos* do rei Jaime I de Aragão, entre os anos 1313 e 1386, através dos quais buscamos diversas informações a respeito da perspectiva cultural do livro, tais como interesse da dinastia, legitimidade, materialização do livro e difusão oral. Diante das informações encontradas e analisadas, concluímos que o livro foi utilizado não somente como um objeto de transporte do pensamento político, mas também foi considerado um objeto de poder político e cultural, sendo, portanto, um instrumento da cultura política medieval.

Palavras-chave: Livro dos Feitos; livro medieval; perspectiva cultural.

Abstract: In this article, we would like to address to a book culture during the Middle Ages. To carry it out, we analyzed some documents of chancery about the first objects of the textual tradition of *Book of Deeds* by King James I of Aragon, composed between 1313 and 1386, in order to discover informations about the cultural perspective of the book, such as dynasty interest, legitimacy, materialization of the book, and oral diffusion. According to the informations founded and analyzed, we concluded that the book was used as not only an object of the support of the political thought, but also as a political and cultural object of power, and consequently as an instrument of the medieval political culture.

Keywords: Book of Deeds; medieval book; cultural perspective.

Recebido em: 30/10/2014
Aprovado em: 20/11/2014

* Doutor em História Medieval pela Universitat Autònoma de Barcelona (UAB). Pesquisador do Programa Nacional de Pós-Doutorado (PNPD) da CAPES. Professor colaborador voluntário do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Considerações iniciais

Entre os diversos documentos medievais que conhecemos, um deles é o livro, tanto em sua condição manuscrita quanto impressa. O mesmo pode conter em si crônicas, anais, poemas, sermões, etc., e também conter imagens relacionadas ou não ao conteúdo do texto. Este objeto foi produzido em diferentes níveis de competência, condicionado por diferentes contextos históricos e composto por diferentes personagens sociais.¹ Não se pode esquecer que tais personagens estavam relacionados principalmente ao comportamento político e cultural no medievo.²

Jacques Le Goff já havia destacado que a renovação da história política, que culminaria no que ele denominou “nova história política”, ocorreu através da contribuição epistemológica de outras disciplinas, tais como a sociologia e a antropologia, das quais a história política herdou o estudo da noção de poder, o que favoreceu sua renovação no seio da investigação histórica. Uma das principais mudanças metodológicas favorecidas por este contato deve-se ao fato de que onde antes a história política evocava a ideia de superfície ou de superficial, a noção de poder sugeriu a perspectiva de centro e de profundidade, as quais eram oriundas principalmente do estudo dos símbolos. Por outro lado, esta contribuição também favoreceu uma mudança nas perspectivas metodológicas da investigação sobre a história política: citando a P. E. Schramm, Le Goff destaca que, juntamente com a investigação pelos objetos do poder, devia-se estudar o simbolismo do poder em geral.³

A partir desta perspectiva podemos considerar o livro medieval como um objeto de poder, pensamento e memória, já que o mesmo foi um dos principais meios pelos quais se

¹ PARKES, M. B. Introduction. In: *The Role of the Book in Medieval Culture*. Oxford International Symposium 26 September – 1 October 1982. Edited by Peter Ganz. *Bibliologia* 3. Elementa ad librorum studa pertinentia. Turnhout: Brepols, 1989, p. 11-16.

² VIANNA, Luciano J. O comportamento político cultural no medievo: uma aproximação - Dossiê Debates historiográficos sobre a Antiguidade e o Medievo. *História e Cultura*, v. 2, p. 451-472, 2013.

³ “*La recherche sur les insignes du pouvoir doit être complétée par une recherche sur le symbolisme du pouvoir en général. Cela signifie que la recherche historique, qui s’est d’abord appuyée sur les chroniques, puis est devenue plus précise grâce à l’utilisation de documents, lettres, actes, etc., a encore beaucoup de chemin à parcourir pour parvenir à un développement systématique. Il y a plus d’objets et de documents disponibles qu’on ne s’y attendait, et il y a eu aussi des progrès pour parvenir à une méthode critique adéquate. Ainsi le tableau qui existe déjà peut être complété et enrichi. Car les insignes utilisés par celui qui gouverne parlent plus de ses espérances et de ses revendications, et le disent plus précisément que n’importe quel autre document accessible. Ceci s’applique spécialement aux siècles pour lesquels les sources écrites sont très limitées.*” LE GOFF, Jacques. L’histoire politique est-elle toujours l’épine dorsale de l’histoire. In: LE GOFF, Jacques. *L’imaginaire médiéval*. Paris: Gallimard, 1995, p. 333-349.

difundiu o pensamento político no medievo.⁴ Tal afirmação é corroborada através de diversas representações artísticas, não somente pelo fato de que através das mesmas encontramos a representação deste objeto, mas também, e principalmente, pelo fato de que o mesmo se encontra representado de forma especial. Por exemplo, na bela iluminura presente no fólio 1 do ms. 9242 da Bibliothèque Royale de Belgique, que traz em seu conteúdo a famosa *Les Chroniques de Hainaut*. Ou então quando nos deparamos com a cerimônia da entrega do livro de Durandus de Campania à Joana de Navarra, representada no fólio 2 do ms. 19-B-XVI da British Library. Ou até mesmo a entrega de um livro ao seu patrocinador, representada pela iluminura no fólio 8 do ms. 16-G-III da British Library serve para reafirmar que tal objeto fez parte e estava constantemente presente nas cortes medievais. Nestas imagens, um dos aspectos que mais chamam a atenção é que tais entregas são públicas, provavelmente feitas no âmbito da corte, o que permite a afirmação de que o significado do livro medieval ia além da relação copista-patrocinador: se acrescentarmos às informações imagéticas o fato de que desde a Antiguidade ler uma obra em voz alta significava difundir sua circulação,⁵ comportamento que continuou até o século XVIII como principal meio de difusão da leitura,⁶ devemos compreender o livro medieval como um objeto da cultura política medieval, sempre considerando a natureza do objeto e as informações que o mesmo apresenta.

Com relação à tradição textual do *Livro dos Feitos*, esta cultura está refletida em diversos documentos de chancelaria produzidos entre os anos 1313 e 1386, quando os diversos exemplares que hoje compõem a tradição textual do *Livro dos Feitos* foram utilizados não somente como meios para a transmissão de uma mensagem, ou seja, a vida do rei Jaime I de Aragão, mas também atuaram como personagens ativos em seu contexto de composição, resgatando, concomitantemente, a *auctoritas* do autor original e as intenções políticas dos patrocinadores e *actores* destes objetos.

⁴ “The book was one of its foremost vehicles, for the early Middle Ages had ensured the triumph of the codex as the primary means of conveying thought, of establishing and administering power, and of recording collective memory and individual achievement and aspiration.” BROWN, Michelle P. The Triumph of the Codex: The Manuscript Book before 1100. In: *A Companion of the History of the Book*. Edited by Simon Eliot and Jonathan Rose. London: Blackwell Publishing Ltd., 2007, p. 179-193.

⁵ BALMACEDA, Catalina. La Antigüedad clásica: Grecia y Roma. In: AURELL, Jaume; BALMACEDA, Catalina; BURKE, Peter; SOZA, Felipe (Eds.). *Comprender el pasado*. Una historia de la escritura y el pensamiento histórico. Madrid: Ediciones Akal, 2013, p. 9-57.

⁶ BOUZA ÁLVAREZ, Fernando J. *Imagen y propaganda*. Capítulos de Historia Cultural del reinado de Felipe II. Madrid: Ediciones Akal, 1998, p. 179-193.

1. Uma ideia a respeito do livro no medievo

A cultura política no medievo apresentava quatro principais aspectos: a formulação de elementos que serviam para identificação; a utilização de instrumentos e estratégias que serviam para legitimação e que continham um simbolismo político; a manutenção das ações passadas e sua preservação para o futuro; e a presença na maioria das vezes constante da perspectiva religiosa. No caso das crônicas medievais, as mesmas estão inseridas nestes quatro aspectos, já que identificaram um passado, serviram como um instrumento para a legitimação política, mantiveram as ações passadas e preservaram-nas para o futuro e estavam inseridas e foram compostas em meio a um contexto de forte influência religiosa.⁷

Além destes quatro pontos destacados, a cultura política tem diversos aspectos que podem ser utilizados em vários exemplos durante os séculos do medievo, os quais podem ser representados pelos pensamentos políticos e expressões políticas. Com relação ao pensamento político, ademais dos quatro aspectos considerados anteriormente, referimo-nos a todas as formas que foram utilizadas durante o medievo com a intenção de sistematizar ou simplificar questões relacionadas à vida política. Por exemplo, todo pensamento sobre as relações entre a Igreja e o Estado, a ideia inicial de formação de um território, etc., podem ser entendidas como pensamento político. Por outro lado, existiram também expressões políticas, as quais foram usadas como suporte para a difusão das ideias geradas pelo pensamento político. Neste caso, temos como exemplos, como as pinturas, os monumentos, as cerimônias, os rituais, representações heráldicas, as moedas ou, no caso deste artigo, o livro, o qual foi uma herança de um importante momento de formação dos novos tempos.⁸ Há, portanto, uma relação de dependência entre o pensamento político e as expressões políticas no sentido de que a segunda serve como suporte e materialização da primeira: assim como o livro no

⁷ VIANNA, Luciano J. O comportamento político cultural no medievo: uma aproximação - Dossiê Debates historiográficos sobre a Antiguidade e o Medievo. *História e Cultura*, v. 2, p. 451-472, 2013.

⁸ “*Ce fut avant tout par le livre que la tradition du classicisme se maintint. Pour les hommes dont je parle, les dirigeants des églises impériales, le livre était sans doute le plus précieux des objets. Ne renfermait-il pas la parole, les mots, ceux bien sûr des grands écrivains de la Rome antique, et surtout les mots de Dieu, le verbe, par quoi le Tout-Puissant établit sa puissance en ce monde?*” DUBY, Georges. *L'Europe au Moyen Âge*. Paris: Flammarion, 1984, p. 25.

formato códice serviu como suporte para a difusão das ideias religiosas cristãs no século IV,⁹ o mesmo transformou-se em suporte para as ideias políticas durante o medievo.

Desse modo, é importante destacar o simbolismo que o livro medieval adquiria uma vez preparado pelos seus patrocinadores e *actores*.¹⁰ Quando nos referimos ao comportamento político cultural no medievo devemos considerar que em diversos contextos a memória foi utilizada, a qual não foi somente preservada, mas também atualizada para ser mantida para o futuro. Assim, havia um jogo entre passado, presente e futuro que caracterizava a historiografia medieval, o que a tornou um importante campo de estudos há alguns anos.

2. O âmbito da produção do livro medieval: cultura e sociedade

Antes de nos aproximar a uma possível cultura do livro durante o medievo, devemos recuperar o contexto de atuação dos homens implicados diretamente na preparação destes objetos. Ao direcionarem-se ao passado, os patrocinadores e *actores* destes objetos aproximavam-se da memória dos *auctores*, ou seja, daqueles que produziram um determinado documento (crônicas, anais, etc.) pela primeira vez. Em geral, o livro medieval apresenta três momentos importantes em sua vida: foi composto em um primeiro momento, depois foi entregue ao seu patrocinador e por último foi reproduzido em diferentes contextos.¹¹ Assim, estamos diante de um processo em que a reflexão historiográfica, o patrocínio e a necessidade política, respectivamente, fizeram-se presentes, todos eles direcionando-se à memória do passado.

Neste sentido, vale recordar a perspectiva da formação da memória social analisada por Jacques Le Goff, durante a qual ocorre um processo em que a sociedade

⁹ “The codex assumed respectability along with Christianity during the fourth century, when it became the state religion of the Roman Empire.” BROWN, Michelle P. The Triumph of the Codex: The Manuscript Book before 1100. In: *A Companion of the History of the Book*, op. cit., p. 179-193.

¹⁰ No medievo, o conceito *actor* representava o patrocinador ou o copista de uma obra; por outro lado, o conceito *auctor* representava o personagem principal ao qual a obra se referia, fazendo referência à *auctoritas* do mesmo. Sobre os conceitos *actor* e *auctor* relacionados à produção documental medieval, ver CHENU, Marie-Dominique. *Auctor, actor, autor*. *Archivum Latinitatis Medii Aevi*, n.3, p. 81-86, 1927. Ver também TEEUWEN, Mariken. *The Vocabulary of Intellectual Life in the Middle Ages*. Turnhout: Brepols, 2003, p. 222-223. Ademais, sobre o conceito *actor*, devemos recordar que o patrocinador é mais significativo que o *actor*, já que aquele determina o objetivo e as formas materiais e visuais dos novos objetos. SPIEGEL, Gabrielle M. *Romancing the Past: the Rise of Vernacular Prose Historiography in Thirteenth-Century France*. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 1995, p. 6.

¹¹ GIMENO BLAY, F. M. Produir llibres manuscrits catalans (ss. XII-XV). In: BADIA, Lola; CABRÉ, Mirian; MARTÍ, Sadurní (Eds.). *Literatura i cultura a la Corona d'Aragó (ss. XIII-XV) – Textos i estudis de cultura catalana*. Barcelona, Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 2002, p. 115-141.

renova e reforma sua compreensão e entendimento do passado para adaptá-lo ao seu presente.¹² Ademais, com o passar do tempo, a memória foi registrada por meio da escrita, em um contexto em que se utilizou a escritura como suporte da memória.¹³ Da mesma forma, as propostas de Jan Assmann ajudam a compreender como ocorre a manutenção da memória cultural. Considerada como um elemento que faz parte da estrutura interativa de uma sociedade e que se mantém através de retransmissões e práticas sociais, a memória cultural refere-se aos acontecimentos exclusivos do passado e que são mantidos por formações culturais e comunicações institucionais.¹⁴ Os mitos, por exemplo, são expressões advindas de uma consciência coletiva, e podem ser identificados como itens que são transmitidos pela memória cultural.¹⁵ Através da articulação entre memória, cultura e sociedade, as funções da memória cultural são preservar a acumulação do conhecimento, reconstruir o passado sempre em referência ao contexto atual, materializar o conhecimento através de textos, imagens e rituais, ser representada por um suporte especializado através do qual é difundida e ser uma referência obrigatória no sentido formativo e normativo. Em suma, a memória cultural é formada por um *corpus* de textos, imagens e rituais os quais servem para ser utilizados e sua difusão constrói o estabelecimento da auto-imagem de uma sociedade.¹⁶

Desta forma, os patrocinadores e *actores*, ao reproduzirem os objetos da tradição textual do *Livro dos Feitos*, aproximavam-se a uma memória conhecida e mantida no tempo e no espaço e renovavam a sua compreensão do passado através do seu presente, fazendo com que a memória do rei Jaime I de Aragão fosse transmitida para a cultura e para a sociedade do seu tempo.

Graças à composição dos objetos da tradição textual do *Livro dos Feitos*, outros documentos foram compostos, como os documentos de chancelaria. Ademais, a importância do *Livro dos Feitos* é representada não somente pela sua característica

¹² LE GOFF, Jacques. Memoria. In: LE GOFF, Jacques y SCHMITT, Jean-Claude (Eds.). *Diccionario razonado del Occidente Medieval*. Madrid: Ediciones Akal, 2003, p. 527-536.

¹³ LE GOFF, Jacques. *Histoire et mémoire*. Paris: Gallimard, 1988, p. 138-140.

¹⁴ ASSMANN, Jan. Collective Memory and Cultural Identity. *New German Critique*, 65, 1995, p. 125-133.

¹⁵ “Las historias del mito son expresión de una conciencia colectiva. No pueden ser ‘corregidas’ deliberadamente, aunque tampoco pueden ser falsificadas. En cambio, las ‘historias cotidianas’ pueden ser modificadas y hasta refutadas en cualquier momento. Si alguien narra una buena cacería, otro podría rectificar: ‘no sucedió así, sino de esta otra forma’, o ‘no sólo pasó esto, sino también esto outro’”. HELLER, Agnes. *Teoría de la historia*. Barcelona: Editorial Fontamara, 1985, p. 16.

¹⁶ ASSMANN, Jan. Collective Memory and Cultural Identity. *New German Critique*, op. cit., p. 125-133.

textual e pela quantidade de objetos de sua tradição textual, mas também pelos documentos que comprovam a sua circulação posteriormente à sua composição original. Será através da análise destes documentos que tentaremos nos aproximar à perspectiva cultural do livro no medievo, observando o interesse da dinastia, os contextos de maior destaque de sua composição, a legitimidade do documento, sua materialização e a sua difusão oral.

3. Delineando uma possível cultura do livro durante o medievo

Gabriele M. Spiegel utilizou a perspectiva da História Social e da História Literária para descobrir a *lógica social* do texto.¹⁷ Esta perspectiva foi considerada em nossa dissertação de mestrado, na análise do ms. 1 da Biblioteca de la Universitat de Barcelona, e, em nossa tese de doutorado, decidimos incluir a perspectiva da História Cultural por três motivos. Em primeiro lugar, analisamos a tradição textual do *Livro dos Feitos* buscando pelo seu *significado histórico* de acordo com cada momento de composição,¹⁸ e não pelas etapas de formação de uma língua vernacular, como foi o propósito de Spiegel. Em segundo lugar, analisamos não somente as informações textuais destes objetos, mas também as informações paleográficas, codicológicas e imagéticas as quais estão contidas nos mesmos e que refletem práticas culturais da composição manuscrita e impressa medieval. Em terceiro lugar, consideramos estes objetos como personagens que atuaram ativamente em seus contextos de composição, considerando-os como objetos ativos e representativos em tais contextos. Tais considerações retiram a crônica medieval da periferia investigadora na qual foi estudada nas últimas décadas, quando somente interessavam seus aspectos textuais, e colocam-na como o personagem central de um contexto de composição, relacionando todas as suas informações (paleográficas, codicológicas, textuais e imagéticas) ao contexto de

¹⁷ “Thus, in writing *Romancing the Past*, I employed the tools of both social historians and literary historians. I turned to the first because I wanted to situate the texts within a social world to which they themselves do not bear witness. I resorted to the second because I wished to investigate the ideological manipulation of the past that occurs in these writings, to which end I submit them to close, essentially deconstructive, readings and attempt to display the ways in which they tacitly inscribe through a variety of literary techniques the very social context that I have inferred, from others sources, to be relevant in understanding their literary character and the motives for their creation.” SPIEGEL, Gabrielle M. *Theory into Practice: Reading Medieval Chronicles*. In: *The Medieval Chronicle I*. Edited by Erik Kooper (Costerus New Series 120). Amsterdam-Atlanta: Rodopi, 1999, p. 1-12.

¹⁸ VIANNA, Luciano J. *El significat històric de la tradició textual del Llibre dels Fets (1343-1557)*. 2014. Tese (Doutorado em Culturas en contacte en el Mediterráneo) - Universitat Autònoma de Barcelona. Barcelona, 2014.

composição e recuperando seu significado original. Por isso, então, a necessidade de estudar tais objetos a partir de uma perspectiva holística, destacando não somente a textualidade da crônica, mas também a materialidade do livro.

Seguindo este caminho, somos capazes de compreender uma tradição textual como um produto cultural, e mais especificamente como pertencente ao comportamento político cultural no medievo, sobretudo pelo simbolismo do passado, da presença da *auctoritas* e do significado da transmissão.¹⁹

No caso da Península Ibérica, houve uma incessante e necessária elaboração identitária durante o medievo, período no qual a obra histórica se constituiu principalmente tendo como base a transformação de referências e representações, de forma que a prática da escrita da história sempre era iniciada através de uma possível interpretação do presente.²⁰ Tal fato nos revela uma expressão cultural dinâmica quando observamos as produções historiográficas deste período, as quais apresentam não somente uma revisão e transformação em comparação com os modelos clássicos, mas também uma preocupação com o potencial de representação.²¹

Durante o medievo, existiu uma cultura do livro, a qual hoje somos capazes de identificar não somente pelos próprios exemplares que sobreviveram por séculos e que hoje temos à nossa disposição, mas também através de diversos documentos, tais como arquivos de chancelaria, iluminuras medievais, referências literárias, entre outros. Com relação à tradição textual do *Livro dos Feitos*, esta cultura está refletida em alguns documentos de chancelaria produzidos entre os anos 1313 e 1386, os quais analisaremos a seguir.

¹⁹ “I would propose that there are at least three elements in traditions which should be included in any discussion of culture and institutions. There are pastness, authoritative presence, and the means of transmission.” STOCK, Brian. *Tradition and Modernity: Models From the Past. Recherches et rencontres*, n.1, 1990, p. 33-44.

²⁰ COURCELLES, Dominique de. *Écrire l’Histoire, Écrire des histoires dans le monde Hispanique* (Bibliothèque d’Histoire de la Philosophie). Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 2008, p. 8.

²¹ “Instead, one was free to consider the nature of medieval discourse as a manifestation of a culture to be reconstructed afresh. A close look at the works and their manuscripts revealed the dynamics of cultural expression. We saw that the Middle Ages continually improvised new genres and modes of representation – manuscript illumination, lyric forms, polyphony, hagiography, to name but a few; it also revised and transformed classical modes. But rather than focusing on questions of representation tout court, the period appeared as preoccupied with the matter as with the method of representation. In the Middle Ages, one senses a fascination with the potential for representation, even more than with theories or modes of representation.” NICHOLS, Stephen G. *The New Medievalism: Tradition and Discontinuity in Medieval Culture*. In: *The New Medievalism*. Edited by Marina S. Brownlee, Kevin Brownlee, and Stephen G. Nichols. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1991, p. 1-26.

4. A circulação do *Livro dos Feitos*

No que diz respeito à circulação da tradição textual do *Livro dos Feitos*, existem diversos documentos que foram compostos nas cortes dos reis da Coroa de Aragão, já que se afirmou que os destinatários de sua tradição textual foram primordialmente os filhos e sucessores do rei Jaime I de Aragão,²² os quais analisaremos a seguir não somente para identificar os âmbitos nos quais os objetos da tradição textual estavam, mas também resgatar o seu simbolismo.

Documento 1.

O primeiro documento é do ano 1313: refere-se à carta enviada pelo rei Jaime o *Justo* ao seu primo Sancho de Maiorca em 1313, enviando-lhe o “*librum actuum felicitis recordationis regis Jacobi*”:

*Ilustri principi Sanccio Dei gratia regi Maioricarum, comiti Rossillionis et Ceritanie, ac domino Montipesulani, karissimo consanguineo suo, Jacobus, per eamdem rex Aragonum etc... recepta littera vestra super mittendo ad vos librum actuum felicitis recordationis regis Jacobi avi comunis, significamus vobis quod jam ipsum librum transcribi mandaveramus, et nunc, post receptionem vestre littere supradicte, translatum libri ipsius perfici fecimus ac etiam comprobari, per cuius perfectionem et probationem cursor vester usque nunc habuit remanere. Sicque mittimus vobis translatum dicti libri comprobatum per cursorem predictum. Data Barchinone .iii. nonas madii anno Domini .mccciii.*²³

Documento 2.

No mesmo ano, o rei Jaime o *Justo* pagou cento e trinta soldos a Pedro Marsílio para a tradução do *Livro dos Feitos* ao latim:

Nos Jacobus, etc. Recognoscimus et confitemur vobis dilecto notario nostro Bernardo de Aversone, nostra sigilla tenenti, quod ad mandatum Nostrum oretenus vobis factum dedistis et solvistis de iuribus nostrorum sigillorum predictorum quantitates infrascriptas, videlicet Arnaldo Messegerii de camera nostra septingentos quinquaginta solidos barchinonenses pro quibusdam necessariis camere nostre, et fratri Petro Marsilii de ordine Predicatorum centum triginta solidos dicte monete pro scripturis libri gestorum illustrissimi domini regis Jacobi felicitis recordacionis avi nostri, et Bernardo de Sancta Eulalia quadraginta

²² ESCARTÍ, Josep Vicent. Jaume I, el Llibre dels feits i l'humanisme: un model “valencià” per al cesarisme hispànic. *eHumanista/IVITRA*, n. 1, 2012, p. 128-140.

²³ *Documents per a la història de la cultura catalana medieval*. Vol. I. Antoni Rubió i Lluch (ed.). Estudi sobre A. Rubió i Lluch per Albert Balcells. Edició facsímil. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans, 2000, p. 57-58, documento XLVI.

*quinque solidos eiusdem monete pro vestitu. Et ideo acceptantes a vobis quantitates predictas, mandamus eas per magistrum rationalem curie nostre vel alium quecumque a vobis computum auditurum in nostro compoto recepi et admiti, vobis restituente apochas de quantitativibus solutis dictis Arnaldo Messegerii et fratri Petro Marsilio et presentem.... Dicto Bernardo de Santa Eulalia non habeatis apocham de quantitate sibi soluta. Datum Cervarie .xiiii. kalendas julii anno Domini .mcccxxiii.*²⁴

Documento 3.

Neste documento de janeiro de 1319, escrito pelo rei Jaime o *Justo*, consta o “*librum regis Jacobi*”:

*Nos Jacobus etc. Quia vos fidelis camerarius noster A. Messeguerii de mandato nostro orenetus vobis facto, tradidistis de rebus sive jocalibus in camera nostra existentibus ea que inferius subsequuntur, videlicet: inclito et karissimo primogenito nostro infanti Alfonso comiti Urgellensi et vicecomiti Agerensi quendam anulum auri in quo est quidam safirus sculptus ad sigillandum aptus. Item inclito infanti Raimundo Berengarii, karissimo nato nostro, quendam corrigiam sirici de talerio cum platonibus argenti deauratis. (...) Item predicto infanti Alfonso quosdam sobresenyals panni sirici ad signum regale et unum librum regis Jacobi. (...). Datum Terrachone, .x. kalendas januarii anno Domini .mccc. nonodecimo.*²⁵

Documento 4.

No mesmo ano do documento anterior, o rei Jaime o *Justo* escreveu este documento onde citou um “*librum geste regie Jacobi*”:

*Nos Jacobus etc... tenore presencium confitemur et recognoscimus vobis Petro de Pomario consiliario incliti infantis Jacobi primogeniti nostri et vobis Dominico Biscarra notario ac vobis Bartholomeo de Fonte camerario infantis eiusdem quod de mandato dicti infantis tradidistis nobis et pro parte nostra fideli camerario nostro Arnaldo Messeguerii, jocalia, vasa argentea, arma et alias res sequentes, videlicet: unum anulum auri in quo est encastatus in ganxetis unus pulxer rubic; (...) item unum librum geste regie Jacobi; (...) et ideo tradiciones per vos factas de rebus predictis jam dictis, jamdicto camerario nostro ratas et gratas ac acceptas habentes, vos inde innumes et quitios appellamus. In cuius rei testimonium presentem vobis fieri et sigillo nostro jussimus comuniri. Datum Terrachone, nono kalendas decembris anno Domini .mccc. nonodecimo. Francisco de Bastida, mandato Regis.*²⁶

²⁴ *Documents per l'història de la cultura catalana mig-èval*. Vol. I., op. cit., p. 58, documento XLVII.

²⁵ *Documents per a la història de la cultura catalana medieval*. Vol. II. Antoni Rubió i Lluch (ed.). Estudi sobre A. Rubió i Lluch per Albert Balcells. Edició facsímil. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans, 2000, p. 35-36, documento XLI.

²⁶ *Documents per l'història de la cultura catalana mig-èval*. Vol. I., op. cit., p. 70-73, documento, LXII.

Documento 5.

Em 1335, o rei Afonso o *Benigno* solicitou à sua irmã, a infanta Maria, que lhe devolvesse o “*libro del senyor rei don Jayme*” e além disso indicou a característica material deste exemplar, ou seja, “*con cubierta vermeyla*”:

Don Alfonso, por la gracia de Dios rey d'Aragon etc... a la alta infanta dona Maria, muy cara hermana nuestra, mujer del alto infant don Pedro de Castiela qui fue, e freyra del monasterio de Sixena, salut como hermana que muyto amamos de coraçon, pora quien querriamos tanta vida e salut como pora nos mismo. Hermana muy cara, rogamos vos que-l libro del senyor rey don Jayme, nuestro besavuelo, el que l libro fué del muy alto senyor rey padre nuestro, a quien Dios perdone, e es con cubierta vermeyla, nos querades enviar luego, e si non lo tendes enviades alla do es, e que l nos trametades sin toda tarda por el bort de Molina de casa nuestra, que esta carta vos dara. E de aquesto nos faredes muyt grand plazer, e nos faremos lo trasladar, e si lo queredes, enviar vos lo hemos luego. Dada en Barchelona dyuso nuestro seello secreto lunes .ii. dias de octubre en el año de Nuestro Senyor .mcccxxx. cinco. Clemens de Salaviridi mandato domini Regis.²⁷

Documento 6.

Em janeiro de 1336 há um documento que comprova a existência de um “*libre de paper, qui fou del senyor rey don Jayme*”:

Item done an Guillem Serra, cambrer major del senyor rei, qui aquells havia bestrets en fer fer una camisa d'armar a obs del dit senyor rey..... .xi. sol. .vi. ds. barchs. Item li done, los quals ell havia bestrets en fer trasladar un llibre de paper, qui fou del senyor rey don Jayme..... .xxvi. sol. .ix. diners barchs. Item li done, los quals els havia bestrets en .iii. dotzenes e mija de pergamins a obs de un llibre que Maestre Domingo, capella, fa a obs del senyor rey..... .xxxi. .sol. .vi. ds. Barchs.²⁸

Documento 7.

No ano de 1343 Pedro o *Cerimonioso* solicitou ao abade do monastério de Poblet que lhe devolvesse o livro “*gestis dive recordacionis domini Jacobi Regis Aragonum*”:

Petrus etc. Venerabili et dilecto abbati monasterii Populeti, salutem et dilectionem. Miramur de vobis et merito quare librum pergameneum quem ut nobis dixistis ad opus vestri rescribi facere debebatis et sumi ex quodam alio papireo libro nostro facto scilicet gestis dive recordacionis domini Jacobi Regis Aragonum abavi nostri, nobis tamdiu mittere tardavistis. Quare vos rogamus quod si eum rescribi fecistis, ipsum rescribi celeriter faciendo, ad librum pergameneum supradictum

²⁷ *Documents per l'història de la cultura catalana mig-aval*. Vol. I., op. cit., p. 114, documento XCVI.

²⁸ *Documents per l'història de la cultura catalana mig-aval*. Vol. II., op. cit., p. 57, documento LIX.

*protinus per latorem presencium transmittatis. Datum barchinone III^o idus septembris anno domini millesimo CCC XL tercio.*²⁹

Documento 8.

No ano 1367 Arnau de la Pena confirmou o pagamento pelo seu trabalho de iluminador das 484 capletras do “*Libre dels fets del rey En Jacme de bona memòria*”:

*Ego, Arnaldus de la Pena, illuminator, civis Brachinone, confiteor vobis discreto Bernardo de Colle, de domo domini regis, civi Barchinone, quod desdistis et solvistis michi bene et plenarie ad meam voluntatem omnes illos septuaginta solidos et sex denarios monete Barchinone de terno, quos vos michi dare et solvere debebatis ratione illarum quadringentarum octuaginta quatuor litterarum, quas ego scripsi in quodam libro dicti domini regis vocato Libre dels fets del rey en Jacme de bona memòria, ad rationem videlicet unius denarii et oboli pro qualibet littera. Et ideo renuntiando exceptioni non numerate et non solute peccunie et doli, in cuius rei testimonium facio vobis et vestris de predictis septuaginta solidis et sex denariis bonum et perpetuum finem et pactum.*³⁰

Documento 9.

Em agosto de 1371, Pedro o Cerimonioso pagou pelo livro “*vida del sant rey en Jacme qui conqués Mallorches e València*”:

*Item pos en data los quals lo senyor rey ab albaranet ab lo seu anellet segellat, scrit en Valencia a .xxvi. dies d agost present atorga de mi haver haudes e rebudes les quantitats devall scrites, es a saber per .i. libre apellat vida del sant rey en Jacme qui conqués Mallorches e Valencia, .xi. florins, .viii. sols. barcs. item los quals lo dit senyor dona a algunes persones, .viii. florins e mig, e axi son .xx. florins d or, .ii. solidos, .vi. diners barcs.*³¹

Documento 10.

No ano 1371, Saurina, esposa de Bartomeu de Bonany, afirmou ter recebido um exemplar do livro do rei Jaime I “*cum postibus cohoptis de corio virnilio scriptum in romanico*”:

Die veneris .xxxii. die mensis octobris anno a nativitate Domini .mccclxxi. Ego Saurina uxor venerabilis Bartholomei de Bonany civis Barchinone nunc absentis, expensoris incliti domini infantis Martini serenissimi domini Aragonum regis nati, et procuratrix generalis eiusdem viri mei de qua procuracione constat per instrumentum publicum .xv. die marcii anno a nativitate Domini .mccclx. nono confectum et clausum per

²⁹ *Documents per l'història de la cultura catalana mig-aval*. Vol. I., op. cit., p. 128, documento CXVII.

³⁰ HERNANDO I DELGADO, Josep. *Llibres i lectors a la Barcelona del s. XIV*. Barcelona: Fundació Noguera, 1995, p. 390, documento 261.

³¹ *Documents per l'història de la cultura catalana mig-aval*. Vol. I., op. cit., p. 163, documento CLXIX.

notarium infrascriptum, confiteor et recognosco vobis Petro Palatii civi dicte civitatis tenenti claves archivi Barchinone armorum dicti domini regis, quod de mandato eiusdem domini regis vobis facto cum quadam littera sua, clausa sub suo secreto sigillo, data Dertuse quarta die presentis mensis octobris, vobis de hiis directa, tradidistis michi nomin edicte mariti mei recipienti quendam librum pergameneum cum postibus cohoptis de corio virnilio scriptum in romanico et incipit in rubro: “aquest es lo comensament del prolech sobre l libre que feu el rey en Jacme per la gracia de Deu rey d Arago e de Mallorca e de Valencia, comte de Barcelona e d Urgell e senyor de Montpeller, de tots los feyts e de les gracies que Nostre Senyor li feu en la sua vida”. Et postea in nigro incipit: “recompte mossényer sent Jacme que fe senes obres morta es” et cetera. Quequidem librum dictus dominus rex in dicta littera sua mandat tradi per vos dicto Bartholomeo de Bonany portandum seu tradendum per eum dicto domino infanti, prout continet in dicta littera quam vobis restituo cum presenti. Et ideo renunciando predicto nomine excepcioni dicti libri non habiti et non recepti et dolo, ffacio predicto nomine vobis de predicto libro presens apocham instrumentum. Quod est actum Barchinone. Testes Bernardus Alegre sartor dicti domini infantis Martini et Arnaldus Morera rector capelle palatii regii Barchinone.³²

Documento 11.

No ano de 1375, o infante João, o futuro João o *Caçador*, pagou quinhentos soldos pela cópia do “*liber domini Jacobi*”:

Infans Johannes etc. Ffidei consiliario et expensori nostro Perpineano Blan, salutem et gratiam. Dicimus et mandamus vobis quatenus de peccunia curie nostre que est vel erit penes vos tribuatis et exsolvatis ffideli de scribania nostra Guillelmo Perinyoni quingentos solidos barchinonenses, quos in compensacionem laborum per ipsum sustentorum in copiando et faciendo pro nobis et nostri mandato librum domini Jacobi, recolende memorie, regis Aragonum, cum presenti ei ducimus concedendos. Et facta solucione recuperetis ab eo presentem cum apoca de soluto. Datum Cesarauguste vicesima die marcii, anno a nativitate Domini .mccclxx. quinto. Primogenitus. Dominus dux mandavit Bertrando de Pinos.³³

Documento 12.

No ano 1380, novamente o infante João solicitou o “*Libre del rey En Jacme*”:

Lo primogenit. Mossen Johan: ja sabets com la terça dels ministrers, la qual puia a quantitat de .ccclx. florins d Arago, es fenida lo darer dia del prop passat mes d agost, e com nos vullam pagar als dits ministrers dita la terça ans que pertiscam d aci, per ço volem e us dehim e manam que presentada an P. Ermengau, sots dispenser nostre, aquesta letra que nos li trametem per aquesta raho, façats ab lo dit P. Ermengau que de

³² *Documents per l'història de la cultura catalana mig-aval*. Vol. I., op. cit., p. 235-236, documento CCXLIV.

³³ *Documents per l'història de la cultura catalana mig-aval*. Vol. I., op. cit., p. 262, documento CCLXXXI.

continent e de fet nos trameta la dita terça con nos per res d aci no partiriem fins que los dits ministrers hagen la dita terça complidament hauda. E en cas que l dit sots dispenser no y volgues dar recapte ne lo cambiador no y volgues prestar, volem e vos dehim e manam que los dos mil florins qui dels juheus deuen esser hauts, prenats e haiats vos a mans vostres e que vos de continent nos enviets recapte a la dita terça, com segons que dit es per res no partiriem d aci fins que pagada lus sia. Aximeteix volem e us dehim e manam que de continent nos trametats les oppes forrades de squirols e de letices, lo collar d aur e les cauces e los punyals çaragoçans e lo libre del rey en Jacme, que te en Berthomeu de Castre. Dada en Manresa, sots nostre segell secret, a .vi. dies de setembre de l any .mccclxxx. Primogenitus. Dirigitur Johanni Januarii.³⁴

Documento 13.

No ano de 1386, o rei Pedro o *Cerimonioso* pagou pela cópia e iluminação das “*coronicas del rey don Jaume*”:

Nos Don Pedro, por la gracia de Dios, rey d'Aragon, de Valencia, de Mallorques, de Cerdenya e de Corcega e comte de Barchinona, de Rossellon e de Cerdanya, reconocientes que vos fiel de la nuestra escrivania Johan de Barbastro, segund de verdad somos informados, bistraxieses por nos en fer iluminar un transllat que enviemos al rey de Castiella de la ordinacion de la nuestra casa e en fer figurar las letras de los cabos de officios del dito translat, e en colores e en guarnir el dito translat dozientos sexanta nueu solidos, nueu dineros barchinoneses; e d'otra part treballastes en translatar las coronicas del rey Don Jaume por tiempo de mas de mey anyo, el qual translat diemos a la ciudat de Mallorques; por esto atorgamos dever a vos dito Joan los ditos dozientos sexanta nueu solidos, nueu dineros barchinonenses. e en remuneracion de los treballs dessuso ditos por tenor de la present, damos vos graciosament mil e cient solidos barchinoneses. mandantes con aquesta misma al regent de present la nuestra scrivania e a qualquiere otro qui por tiempo sera receptor de los dineros de los nuestros siellos, que los ditos dozientos sexanta nueu solidos, nueu dineros barchinoneses por vos bistrahidos ensemble con los ditos mil e cient solidos barchinoneses que de gracia vos damos, paguen a vos dito Johan o a qui vos quirredes de los ditos dineros. recobrando ne en la paga que vos en sera feyta la present com apocha de paga. en testimonio de las ditas cosas, mandamos la present esser feyta con nuestro siello siellada. dada en Barchinona, a .xxvii. dias de junio, en el anyo de la natividad de Nuestro Senyor .mccclxxxvi. rex Petrus. Dominus rex mandavit mihi Bartholomeo de Avellaneda.³⁵

É certo que o rei Jaime I foi frequentemente lembrado na historiografia da Coroa de Aragão. Cronistas como Bernardo Desclot, Pedro Marsilio, Raimundo Muntaner, Pedro o *Cerimonioso*, João Fernandez de Heredia, Pedro Miguel Carbonell, Gualberto Fabricio de Vagad, Luís Alanyà, Pedro Antonio Beuter, Rafael

³⁴ *Documents per l'història de la cultura catalana mig-aval*. Vol. I., op. cit., p. 285-286, documento CCCX.

³⁵ *Documents per l'història de la cultura catalana mig-aval*. Vol. II., op. cit., p. 295-296, documento CCCIV.

Martí de Viciana, os jurados da cidade de Valência em 1557, Bernardino Gomez Miedes, Jerônimo de Blancas, João Batista Binimelis, Gabriel Lasso de la Veja, Gaspar Escolano, Francisco Diago, André Bosch, Jaime Bleda, Jaime Raimundo Vila, João Tornamira de Soto, Lorenzo Mateu i Sanç, Gaspar Blai Arbuixech, João Dameto, Narciso Feliu de la Peña i Farrell, Pascoal Esclapés de Guilló, Francisco Pérez Baier, Gregório Maians, Antoni de Capmany i Montpalau i de Montpalau i Surís, Luis Galiana, José de Villarroya, Francisco Xavier Borull, José Nicolas Cavero, Bartomeu Ribelles, Luis Lamarca, Vicente Boix i Ricarte, Maria Flotats, Antonio de Bofarull, José Maria Quadrado, Vitor Balaguer, Charles de Tourtoulon, Teodoro Llorente, Maria Aguiló, John Foster, e leitores, como o Marquês de Santillana, Duque de Olivares, Duque de Osuna, Diego Sarmiento de Acuña, conde Gondomar, Mencía de Mendoza, esposa de Fernando de Aragão, duque de Calábria e vice-rei de Valência, Gaspar Galcerán de Castro e Pinós, Felip IV de Castela, Isabel de Bourbon tiveram contato com a história da vida do *Conquistador*.³⁶

Estes testemunhos, situados entre os anos 1313 e 1386, comprovam a difusão do *Livro dos Feitos* anos depois da sua composição original preparada pelo rei Jaime I de Aragão durante os anos finais de seu reinado com a ajuda dos seus colaboradores,³⁷ e nos fornecem algumas conclusões sobre a sua circulação, interesse da dinastia, os momentos mais lembrados, a legitimidade do documento, a materialização do objeto, seu título desde o século XIV, sua difusão oral e sua circulação, tradução e composição, o que nos proporciona um esboço cultural sobre este objeto durante o medievo e que explicaremos nos subtópicos seguintes.

4.1. O interesse dinástico

Em primeiro lugar, os condes de Barcelona e reis de Aragão conheciam o *Livro dos Feitos*, como, por exemplo, o rei Jaime o *Justo*, o rei Afonso o *Benigno*, o rei Pedro o *Cerimonioso* e o seu filho João o *Caçador*. No que diz respeito ao rei Pedro o *Grande*, filho de Jaime I, em estar em contato com o pai até os últimos momentos de sua vida, é

³⁶ ESCARTÍ, Vicent Josep. La recepció del Llibre dels Feits a la Corona d'Aragó. In: *Llibre dels feits del rei En Jaume*. Vol. I. Estudis i edició a cura d'Antoni Ferrando i Josep Vicent Escartí. Col·lecció Facsímils 5 (Facsíml del ms. 1734 de la Biblioteca de Catalunya). València: Academia Valenciana de la Llengua, 2010, p. 61-95.

³⁷ PUJOL, Josep M. Jaime I. *Llibre dels fets*. Barcelona: Editorial Teide, 1991; CINGOLANI, Stefano M. *Historia y mito del rey Jaime I de Aragón*. Barcelona: Edicions 62, 2008.

possível que tivesse conhecimento de suas intenções historiográficas, principalmente porque a obra que comenta os feitos do seu reinado, o *Livro do rei Dom Pedro*, destaca como principais protagonistas Raimundo Berenguer IV, Pedro o *Católico*, Jaime o *Conquistador* e Pedro o *Grande*.³⁸ Com exceção do rei Afonso o *Liberal*, do qual não há nenhuma comprovação que demonstre seu contato com o *Livro dos Feitos*, e do rei Martinho o *Humano*, o último rei de Aragão da casa dos condes de Barcelona, os outros conheciam o *Livro dos Feitos*, seja diretamente, seja como herança dos seus antepassados, o que reforça a afirmação de Jordi Bruguera de que os diversos documentos de chancelaria existentes comprovam o interesse da corte neste documento.³⁹

Desta forma, se analisarmos sequência dinástica dos condes de Barcelona e reis de Aragão (tabela 1), veremos que este objeto circulou entre os membros da casa real durante um considerável tempo após sua composição no final do reinado de Jaime I de Aragão:

Tabela 1
Os condes de Barcelona como reis de Aragão

Período do reinado	Condes de Barcelona e Reis de Aragão
1162-1196	Afonso o <i>Casto</i>
1196-1213	Pedro o <i>Católico</i>
1213-1276	Jaime o <i>Conquistador</i>
1276-1285	Pedro o <i>Grande</i>
1285-1291	Afonso o <i>Liberal</i>
1291-1327	Jaime o <i>Justo</i>
1327-1336	Afonso o <i>Benigno</i>
1336-1387	Pedro o <i>Cerimonioso</i>
1387-1396	João o <i>Caçador</i>
1396-1410	Martinho o <i>Humano</i>

4.2. Os momentos mais lembrados

Em segundo lugar, ao observar os anos da produção dos documentos antes destacados fica claro que a concentração temporal dos mesmos coincide com os dois

³⁸ CINGOLANI, Stefano Maria. Introducció. In: *Bernat Desclot*. Llibre del rei En Pere. A cura de Stefano M. Cingolani. Barcelona: Editorial Barcino, 2010, p. 19.

³⁹ BRUGUERA, Jordi. La Crònica de Jaume I: projecció filològica i lingüística. *Estudis de Llengua i Literatura Catalanes. Miscel·lània Germà Colón*, 33, 6, 1996, p. 5-15.

reinados em que a atividade historiográfica referente ao *Livro dos Feitos* foi mais intensa, ou seja, o reinado de Jaime o *Justo*, com a tradução ao latim preparada por Pedro Marsílio,⁴⁰ e o reinado de Pedro o *Cerimonioso* com as duas composições do *Livro dos Feitos* em 1343 e 1380, ademais de outras composições comprovadas através de documentação. Sobre o reinado de Jaime o *Justo* pode-se afirmar que o mesmo recupera o “silêncio” ocorrido no reinado anterior, ou seja, de Afonso o *Liberal*, já que durante seu reino não encontramos nenhuma referência ao *Livro dos Feitos*. Entretanto, o reinado de Pedro o *Cerimonioso* é o mais destacado no que se refere à atividade historiográfica em comparação com o do *Justo*.

4.3. A legitimidade do documento

Em terceiro lugar, em todos os documentos citados acima, o título do livro (*liber actuum felicis recordationis regis Jacobi, libri gestorum illustrissimi domini regis Jacobi, liber regis Jacobi, liber geste regie Jacobi, libro del senyor rey don Jayme, libre dels fets del rey en Jacme, libre apellat vida del sant rey en Jacme, aquest és lo comensament del pròlech sobre'l libre que féu el rey en Jacme, liber domini Jacobi, libre del rey en Jacme, coronicas del rey Don Jaume*) é mencionado juntamente com o nome do seu *auctor*, ou seja, o rei Jaime I. Destacamos este aspecto da documentação porque durante o medievo era normal citar uma obra sem citar o seu autor,⁴¹ o que não é o caso apresentado por esta documentação. Portanto, os objetos da tradição textual do *Livro dos Feitos* não somente eram conhecidos entre os membros da casa real, mas também se conhecia o seu *auctor*, o

⁴⁰ María de los Desamparados Martínez San Pedro, que editou a versão latina do Livro dos Feitos (*Liber Gestorum*), identificou “*tres frases que dan a la empresa de Mallorca llevada a cabo por Jaime I un sentido total de Cruzada llegando a decir por un lado que la razón principal de la contienda es la lucha por la fe, y pidiendo por otro ayuda económica en las cortes celebradas en Barcelona en presencia del arzobispo de Tarragona, los obispos, abades y todos los ricos-hombres. Ni una cosa ni otra encontramos en el texto catalán (...)*.” Portanto, a autora chegou a conclusão que a intenção de Pedro Marsílio ao traduzir o texto da vida do Conquistador ao latim foi “*establecer un paralelismo entre lo que fue y lo que hizo Jaime I con lo que podría ser y hacer Jaime II, granjeándose el favor del Pontífice y consiguiendo la ayuda económica necesaria para la empresa de Granada.*” MARTÍNEZ SAN PEDRO, María de los Desamparados. Introducción. In: *La crónica latina de Jaime I*. Edición crítica, estudio preliminar e índices por María de los Desamparados Martínez. Almería: Gráficas Ortiz, 1984, p. 19-87. Ferrando, em uma importante investigação sobre dois dos textos da tradição textual do Livro dos Feitos afirmou que a “*versió llatina de Marsili i, doncs, la seua conversió en una crònica llatina d'abast universal responia a una operació mitificadora del rei Jaume I, que cercava de veure'l elevat als altars, tal com s'havia fet amb el rei Lluís IX de França, canonitzat el 1297.*” FERRANDO, Antoni. Interés dels mss. C i D del ‘Llibre dels Fets’ per a la fixació textual de la Crònica Jaumina. In: *El Llibre dels Fets. Aproximació crítica*. València: Publicacions de l'Acadèmia Valenciana de la Llengua, 2012, p. 47-80.

⁴¹ RUBIÓ I LLUCH, Antoni. La Crònica del Rey En Jaume en el XIVE segle. *Estudis Universitaris Catalans*, n. 1, p. 349-357, 1907.

que destacava a sua legitimidade como um objeto dinástico e pertencente à casa dos condes de Barcelona e reis de Aragão. Dessa forma, ao estabelecer a identidade livro-autor, tais documentos corroboram a afirmação de alguns autores contemporâneos sobre a crença de que o *Conquistador* realmente fora o compositor de suas memórias, além de proporcionar aos objetos da tradição textual do *Livro dos Feitos* um simbolismo político considerável a partir dos seus contextos de composição.

4.4. Um objeto materializado

Em quarto lugar, novamente referente aos títulos citados, observamos que a palavra que os define fisicamente é “livro” (*liber, libro, papireo libro nostro, libre*), com exceção do rei Pedro o *Cerimonioso* que o denomina *coronicas*. Trata-se, então, de um objeto físico e suscetível de descrição, como o fez o rei Afonso o *Benigno* em solicitá-lo à sua irmã especificando-o (*cubierta vermeyla*) e que continha a narração da vida do rei Jaime I. Assim, estes objetos não eram apenas legitimados pela presença do seu autor original, mas também eram materializados, o que destaca o seu simbolismo e enfatiza a necessidade de estudá-los desde esta perspectiva, como bem destacou Roger Chartier.⁴²

Sendo um objeto materializado, sua presença recuperava sua *auctoritas* original, ou seja, a *auctoritas* de Jaime I de Aragão, e a inseria no contexto em que fora composto. Desta forma, o que é destacado nos documentos não é a memória do rei, mas sim o objeto que representa tais memórias, o objeto que contém sua *auctoritas*.

4.5. “Livro dos Feitos” desde o século XIV

Em quinto lugar, devemos destacar que a primeira vez em que este objeto foi chamado como “Livro dos Feitos” foi em 1367. Jordi Brugera, em sua edição

⁴² “The order of books has still another meaning. Whether they are in manuscript or in print, books are objects whose forms, if they cannot impose the sense of the texts that they bear, at least command the uses that can invest them and the appropriations to which they are susceptible. Works and discourses exist only when they become physical realities and are inscribed on the pages of a book, transmitted by a voice reading or narrating, or spoken on the stage of a theatre. Understanding the principles that govern the ‘order of discourse’ supposes that the principles underlying the processes of production, communication, and reception of books (and other objects that bear writing) will also be deciphered in a rigorous manner. More than even before, historians of literary works and historians of cultural practices have become aware of the effects of meaning that material forms produce. In the case of the book, those forms constitute a singular order totally distinct from other registers of transmission of the canonical works as ordinary texts. This means that, even though it is not emphasized in the present book, keen attention should be paid to the technical, visual, and physical devices that organize the reading of writing when writing becomes a book.” CHARTIER, Roger. *The Order of Books*. California: Stanford University Press, 1994, p. viii-ix.

modernizada do *Livro dos Feitos*, publicada em 2008, comenta na primeira nota de rodapé do prólogo da obra que os manuscritos existentes continham diversos títulos, e que foi Mariá Aguiló quem divulgou o título “*Libre dels Feyts*” em sua edição de 1873.⁴³ Entretanto, ao consultar o documento 8, citado anteriormente, se pode observar que este título já existia desde meados do século XIV.

4.6. A difusão oral: o indicador da verdadeira difusão do Livro dos Feitos

Em sexto lugar, deve-se fazer uma observação referente à difusão do *Livro dos Feitos* entre os membros da casa real dos condes de Barcelona e reis de Aragão: pelas informações encontradas na narrativa do *Livro dos Feitos*, a sua difusão foi mais intensa do que se pode imaginar. Muito foi debatido sobre as suas características orais, mas não referente à sua difusão oral, a qual é confirmada em diversos momentos da narrativa.⁴⁴ Como comentamos na introdução deste artigo, a leitura de uma obra em voz alta significava difundir sua circulação, e este foi um comportamento que continuou até o século XVIII. Ademais, a difusão da lenda histórica do nascimento do rei Jaime I – considerando todas as modificações ocorridas com o passar dos séculos – a qual foi narrada pelos historiadores da Coroa de Aragão entre os séculos XV e XVIII,⁴⁵ é uma comprovação do conhecimento dos textos em que estava disponível, ou seja, o *Livro dos Feitos*, o *Livro do rei Dom Pedro* e a *Crônica de Raimundo Muntaner*. Portanto, devemos pensar em uma difusão do *Livro dos Feitos* não somente no âmbito da família real – como confirmam os documentos citados – mas também no âmbito da corte, lugar onde a escrita da história e os feitos dos antepassados eram frequentemente lembrados.

4.7. Composição, circulação e tradução

Uma última observação sobre os documentos analisados deve ser feita no que se refere à circulação, tradução e composição. Alguns documentos citados anteriormente comprovam que houve uma considerável circulação destes objetos entre diversos personagens importantes da Coroa de Aragão, como os reis Jaime o *Justo*, Afonso o *Benigno* e Pedro o *Cerimonioso*. Podemos concluir, portanto, que o *Livro dos Feitos* era

⁴³ BRUGUERA, Jordi. Introducció. In: *Jaume I el Conqueridor. Llibre dels Fets*. A cura de Jordi Bruguera. Barcelona: Proa, 2008, p. 33.

⁴⁴ *Llibre dels fets del rei en Jaume*. A cura de Jordi Bruguera. Vol. II: Text i glossari (Col·lecció Els nostres clàssics, B 10-11), Barcelona: Editorial Barcino, 1991, p. 5-7, 81-83.

⁴⁵ RIQUER, Martí de. *Llegendes històriques catalanes*. Barcelona: Quaderns Crema, 2000, p. 80-81.

um objeto que estava em mãos de importantes personagens e que era conhecido nas cortes medievais da dinastia dos condes de Barcelona e reis de Aragão. É notório que este objeto tenha sido traduzido ao latim, o que demonstra que a intenção de sua difusão para um meio exterior ao qual circulava era vigente.⁴⁶ Ademais, o fato de apresentar características de imagens deve ser ressaltado, já que o livro medieval, quando apresentava uma composição imagética, possuía outra linguagem, a qual devia ser entendida juntamente com a escritura.

Conclusão

Os documentos relativos ao livro medieval podem mostrar-nos novas perspectivas e abordagens de estudo e como os mesmos eram considerados e vistos por determinada sociedade. Em uma sociedade como a medieval, na qual o simbolismo se fazia presente e era necessário para a compreensão daquele mundo, tal simbolismo também se reflete na cultura escrita sobre o livro medieval, como podemos ver neste artigo.

Considerando estas diferentes perspectivas encontradas nesta documentação, observamos que o *Livro dos Feitos* apresenta uma cultura relativa a diversas questões tais como o interesse dinástico, os contextos de composição, a legitimidade do conteúdo, a materialização do objeto e sua composição, difusão e circulação, os quais, considerados juntamente com os próprios objetos desta tradição textual, apresentam um esboço cultural durante o período de composição destes documentos. Dessa forma, retomando a perspectiva da memória proposta por Le Goff e Assmann, tais documentos comprovam que o *Livro dos Feitos* estava presente na memória social e cultural da Coroa de Aragão. É certo que a tradição textual completa destes objetos compreende os anos 1343 e 1779;⁴⁷ entretanto, a documentação conhecida entre os anos 1313 e 1386 nos apresenta uma riqueza de detalhes que devem ser levados em consideração no trabalho de análise das crônicas medievais, percebendo-as e considerando-as como objetos holísticos em suas informações.

A partir das ideias desenvolvidas e dos documentos analisados podemos observar que o livro medieval fazia parte de uma cultura do poder, na qual estava presente como

⁴⁶ *La crónica latina de Jaime I*, op. cit.

⁴⁷ Em nossa tese de doutorado analisamos os sete primeiros textos desta tradição textual. Como continuidade do trabalho sugerido pela banca de doutorado, atualmente estamos trabalhando na análise dos últimos sete textos.

centro das discussões. A partir da análise dos documentos relacionados à tradição textual do *Livro dos Feitos*, identificamos uma cultura do livro durante o medievo. Neste caso, como o livro é um objeto específico de nossa investigação, temos que considerar também o comportamento político cultural durante o medievo, quando este objeto foi um instrumento utilizado em diversos contextos.

Os documentos analisados referentes à tradição textual do *Livro dos Feitos* entre os anos 1313 e 1386 refletem uma cultura do livro durante o medievo, a qual apresenta diversos parâmetros, tais como o interesse da dinastia pelo objeto, os momentos em que foi lembrado, a legitimidade do documento, sua materialização, a forma pela qual era conhecido entre os membros da dinastia e sua difusão oral: todos estes parâmetros, quando analisados em conjunto, esboçam uma possível cultura do livro durante o medievo, indicando que o mundo das crônicas medievais foi um universo dinâmico, e que os objetos da tradição textual do *Livro dos Feitos* não eram compreendidos como simples suportes, mas sim como importantes artefatos ativos e significativos em seus contextos de composição.

Dessa forma, considerar tais documentos na pesquisa histórica ajuda não somente a complementar a investigação histórica do livro medieval em suas diversas perspectivas, mas também perceber a perspectiva dos mesmos enquanto personagens ativos em um contexto de composição.